

**COLAÇÃO de GRÁU dos BACHAREIS
de 1946**

ORAÇÃO DO PARANINHO

Prof. JOAQUIM AMAZONAS

Senhores Bachareis de 1946:

Quanta alegria, quanta!! quanta felicidade, quanta!! sinto que inundam a alma de todos vós!!

E justas são essa alegria e essa felicidade, que também sinto e acompanho, com o coração de mestre, que vos seguiu, todo e todo o dia, na vossa vida acadêmica, — agora que deixais, passando os humbrais dêste edifício para, lá fora, vos dedicardes a uma vida nova, com os corações cheios de esperanças por um futuro radioso.

Alegres e felizes vos sentis; como alegres e felizes se acharão vossos pais, vossas esposas, para alguns, vossas irmãs, vossas noivas!!

Alegres e felizes, por chegardes ao término desta jornada!! Atentai bem: DESTA e não da jornada, porque, na verdade, somente agora ireis começar a jornada verdadeira, somente agora ireis sentir as dificuldades, as responsabilidades maiores da vida.

Alegre e feliz também aquele a quem escolhestes para pronunciar as palavras da despedida, pela Congregação ilustre e douta, nesta hora da vossa colação de gráu de BACHAREIS EM DIREITO.

Alegre e feliz, na verdade me sinto; mas, OH CONTRASTES da alma humana: quão preocupado e com o coração cheio de uma tristeza imensa, me sinto também!!

Preocupações pelo vosso futuro, como pelo futuro do Brasil.

Tristeza imensa, porque olhando em tórno de nós, alongando a vista pela vasta superfície da terra, sòmente nos aperceberemos de desgraças, de misérias sem fim: a desorganização social que se acelera, a fome que se aproxima, com tôdas as suas consequências sinistras.

Assim, de meus labios não poderão sair palavras que sejam como as de um hino de glórias; mas sòmente como as de uma nênia triste e dolorosa.

E quasi ao fim de minha vida de mestre, pouco de certo antecedendo ao da vida física, si lá chegar, serão como a nota dolente do último canto do cisne a expirar!!

Bachareis de 1946: derramai os olhos em tórno de vós, olhai bem para o Brasil, vêde êsse gigante da lenda da terra graciosa, a clamar por seus filhos, para que, unidos pelo trabalho e por suas inteligências, acorram todos em sua defeza.

O mundo de antes de 1939 não retornará; e muito menos o de antes de 1914.

O século que passou, chamado o da Luz, foi também o século da liberdade.

No NOVO MUNDO, foi em seu primeiro quartel que se libertaram das metrópeles as antigas colônias latino-americanas; e entre elas o Brasil.

Mas, diferentemente do que ocorreu nas hispânicas que se fragmentaram em pátrias e nações várias, o Brasil se conservou UNO, e a só província que dêle se destacou, ao sul, para se tornar país independente, na verdade nunca foi lusa, mas de decidida influência e de clara formação espanhola: o Uruguai.

Diferentemente também, ao passo que em tôdas as novas pátrias hispano americanas, por três quartos de século quasi, dominou o caudilhismo, — o Brasil soube conservar-se calmo, progressista, senhor de si mesmo, ajudado, providencialmente, pelo regime que então escolheu, de uma sólida e sábia monarquia constitucional, quando, pela prática

de um sã parlamentarismo, que refletia os pendores da opinião popular, por mais de cinquenta anos se praticou uma real democracia, à moda da conservadora Inglaterra.

Foi a monarquia providencial que permitiu a conservação da unidade nacional, hoje intangível: unidade pelo território; unidade pela religião; unidade pela língua; unidade por uma só constituição.

Assim, quando em 1889 foi apeado do poder o Imperador Filósofo e Magnânimo, o maior e mais puro republicano com que o país contava, tinha o Brasil mais que outro qualquer país americano, a educação precisa para poder se governar de acôrdo com o novo regime, implantado pela Revolução triunfante, pois que realmente se praticara, desde 1840, uma democracia pura e sã, em que, sob a vista e o conselho sábio do Imperador, se prepararam para a administração do país os maiores estadistas com que já contou a latidade americana.

Depois da queda do império, passaram cinquenta anos corridos. Um vendaval terrível solapou os alicerces de seculares e fortísimos impérios europeus: Portugal, Espanha, Áustria-Hungria, a Alemanha, alijaram os seus reis e imperadores, a Rússia, os seus tzares.

Idéias novas começaram a ser pregadas, quanto às formas de governar os povos. Novos regimes econômicos foram e são preconizados.

A guerra de 1914 a 1918 precipitou os acontecimentos, modificando profundamente a face da terra: Guilherme II, da Alemanha, julgando chegada sua hora e a de seu país, e julgando-se de início vencedor, querendo ainda passar como protetor dos povos mais fracos, atirou a Áustria-Hungria contra a inerme e pequena Sérvia, desencadeando a guerra, inflamando a fogueira que quasi devorou o mundo e que submergiu o seu império.

A face do mundo conturbado se transformou. O comunismo-marxista, algo modificado, se implantou na Rússia dos Tzares; o fascismo na Itália; o nazismo na Alemanha.

A agitação dêsse após guerra, com milhões de homens

desocupados, não tanto porque não houvesse trabalho para eles, mas principalmente porque acreditaram que teriam de ser sustentados em tudo pelo Tesouro de cada país, pois se haviam ocupado em fazer a guerra e não deveriam se ocupar senão no preparo e realização de uma nova guerra, ao par de algumas injustiças evidentes do Tratado de Versalhes, criou para o mundo um estado de insegurança e de nervosismo que prepararam a nova calamidade de 1939 a 1945 que abarcou o mundo, sômente salvo da catástrofe total pelo gênio de um Winston Churchill, como pelo de Franklin Delano Roosevelt!!

Mas salvo como? As consequências terríveis da guerra de 1939 a 1945 aí estão: o mundo abalado até os alicerces, e apavorado, com tôdas as suas grandes instituições periclitantes; com a fome ameaçando a vida de tôdas as populações; com revoluções e uma possível nova guerra a nos enervarem e a dificultarem a conclusão da paz!! Uma paz justa e bôa, cristã, sem ódios!!

Si a Inglaterra de Churchill, si os Estados Unidos de Roosevelt, sofrem essas consequências tremendas da última guerra, assentando sua estabilidade como sôbre vulcões, que poderemos nós esperar e dizer do Brasil?

País novo, país ainda sem capitais, mas apontado como capitalista, país por tudo isto, forçosamente, economicamente devedor, — mais que a velha Inglaterra, mais que os opulentos Estados Unidos, — envolvido nessa guerra por força das cirtunstâncias como pela insânia criminosa de Hitler e de Mussolini, — o Brasil haveria e há de muito sofrer dessas consequências.

Transformado o regime em 1889, o Brasil que acabava de, um ano antes, substituir o regime do trabalho, sentiu logo o início do afluxo das populações do interior, em demanda das capitais, dando lugar a dois fenômenos dispare, mas que sempre aparecem juntos: a produção agrícola a diminuir pela insuficiência do braço livre em substituição do escravo desaparecido, até que viesse o colono estrangeiro, e a industrial cujo estabelecimento se iniciou.

Esses dois fenômenos, entre nós, foram se agravando cada vez mais, trazendo, como consequência inevitável, a necessidade de um regime alfandegário excessivamente protetor, porque o produto nacional, si não podia competir com o estrangeiro em qualidade, também não pode-lo-ia fazer quanto ao custo, dando como resultado necessitar o país, cada vez mais, de emitir papel inconvertível, produzindo a inflação, que o ameaça de ruína.

Porque a inflação não é de agora somente, quando a massa de papel ultrapassa, talvez, de vinte milhões de contos de réis, na moeda antiga, ou sejam vinte bilhões de cruzeiros. Inflação já existia ao tempo de Prudente e Campos Sales; ao tempo de Epitácio Pessoa; ao tempo de Washington Luiz.

E si a essas épocas, com emissões modestas, e contínuas reduções pela amortização, assim era, o que dizer de agora, quando se as fazia em valores formidáveis, cada vez, sem parada alguma, durante cerca de 15 anos, elevando-se, nesse período, a massa circulante de menos de três a cerca de vinte bilhões de cruzeiros?

Outro mal bem grande, desses últimos quinze anos, tornando a vida jurídica difficilima: o excesso de produção legislativa, a massa imensa de decretos leis, tantos que ninguém poderia, cada dia, saber si em dado momento ainda seria lei o que o era um dia antes. E a dificuldade crescia ainda mais, quando se considera que, alargados os prazos do Código Civil, para a obrigatoriedade da lei, passou-se ao uso, senão ao abuso, de todos os decretos leis entrarem a vigorar, sem atenção às distâncias, desde o momento mesmo de sua publicação, no Rio de Janeiro.

A ânsia, o abuso legislativo, se constata melhor, em se dizendo que si de 1822 a 1930 (108 anos) foram promulgados 9.232 leis e decretos com fôrça de lei, durante os nove anos incompletos (10 de Novembro de 1937 a 18 de Setembro de 1946), do Estado Novo, foram promulgados, apenas 9.908 decretos leis!! Em nove anos mais 676 leis que em 108 anos!!

Parece muito evidente que foi algo demasiado. Leis e mais leis, decretos leis e mais decretos leis, a propósito de tudo, quasi sempre para pior, e até sem propósito algum.

À fúria legislativa não escapou o próprio Código Civil: matéria que se estudou, que se discutiu mais de cinquenta anos, e do qual só o último projeto, de que foi o autor Clovis Bevilacqua, levou dezesseis anos a se transformar em lei, discutido, minuciosamente, quasi que palavra por palavra, sobre o qual foram ouvidos os mais famosos juristas e filólogos do Brasil, foi várias vezes reformado, em minutos e por decretinhos sem justificativa alguma, sem que o interesse geral o reclamasse, e até quando o quis algum interesse particular!

Nem mesmo a língua escapou; e a golpes de decretos-leis ou de convênios se pretende reformá-la, a pretexto de simplificação, que na verdade complicou e dificultou sua escrita!

Em matéria de ensino, a calamidade não foi menor; mas sobre o assunto já disse em 1940, e não quero repetir. . .

Sob a pressão de forte crise econômica, que produziu, em parte, a financeira; sob a pressão de uma política, neste setor da economia ou da finança, sem norte certo, e em parte reflexo da situação internacional, resultante da guerra, o Brasil está a exigir sacrifícios, de todos os seus filhos.

A braços com tais dificuldades, a renascente democracia de 1946 se encontra, praticamente, sem rumo. E politicamente.

O regime que imperou de 1937 a 1945, havendo desorganizado tôdas as forças políticas mais ou menos homogeneizadas, antes existentes, rompendo todos os laços de disciplina partidária em torno de idéias, como até 1889; em torno de homens que tinham idéias mais ou menos as mesmas, como de 1889 a 1930, — criou a situação de agora, de partidos sem idéias, em torno de homens muitas vezes sem ideal, e até, algumas vezes, sem idéia alguma.

Ideologias estrangeiras, pretensamente democráticas, quando na verdade ferrenhamente totalitárias, aqui prega-

das por estrangeiros, e mesmo por brasileiros a serviço do estrangeiro, se procura implantar no país. E para tanto, a indisciplina em todos os setores da vida nacional, a rebelião contra a ordem estabelecida, são abertamente pregadas.

O próprio sentimento DE PÁTRIA, se procura implantar no sentimento do povo, que não deve existir, que deve ser repellido!!...

Eis, em traços largos, Bachareis de 1946, o panorama que apresenta o Brasil: ansiedade, inquietação, pelo dia de amanhã.

E eis porque escrevi, para o vosso quadro, esta frase:

MOÇOS, OLHAI FIRMEMENTE OS HORIZONTES DA PÁTRIA: O BRASIL PRECISA DE VÓS!! CORREI EM SUA DEFEZA, DEFENDEI-O COM ALMA E CORAÇÃO À LARGA.

E SERÁ PROCLAMANDO, PRATICANDO O DIREITO, EM TÔDA SUA PUREZA, EM TÔDA SUA SANTIDADE, QUE O PODEREIS DEFENDER, COMO PRECISA, COMO MERECE”.

Foi o que escrevi e agora vos repito. Pensai um pouco nessas palavras; e acreditai nelas, porque refletem o sentimento brasileiro.

Agora, deixai-me que vos diga: IDE, ide para vossos lares, alegres e felizes, mas dispostos a defender o Brasil, a nossa civilização cristã, proclamando, praticando o Direito, que se ensina nesta casa, que ides deixar, porque onde o Direito é flâmula sagrada, que todos respeitam e que a todos protege, aí imperarão a ordem, a justiça, o bem estar, a economia pública como a particular; e nesse recanto feliz da terra, onde o DIREITO É SANTÍSSIMO, como o dizia Ulpiano, todos serão felizes.

Os vossos mestres e o vosso paraninfo, bachareis de 1946, vos desejam que, brasileiros e amantes do Brasil, sejais levitas do Direito em bem e para glória do Brasil!!